

Benevides: a Terra da Liberdade

O hoje município de Benevides foi o primeiro da Amazônia e o segundo do país a abolir a escravidão, o que lhe garantiu o título de Terra da Liberdade. Conheça mais dessa história

HISTÓRIA

Cintia Magno

Na colônia agrícola cortada pela antiga Estrada de Ferro de Bragança (EFB), distante 34 quilômetros da capital da então Província do Grão-Pará, os ideários abolicionistas que ganharam força no Brasil da segunda metade do século XIX reverberaram ao ponto de Benevides se tornar o primeiro município da Amazônia e o segundo do país a abolir a escravidão. Em 30 de março de 1884, portanto antes da assinatura da Lei Áurea em 1888, Benevides vivenciou o momento histórico que lhe garantiu o título de Terra da Liberdade e que até hoje, 136 anos depois, se faz presente em diferentes referências ao longo do município.

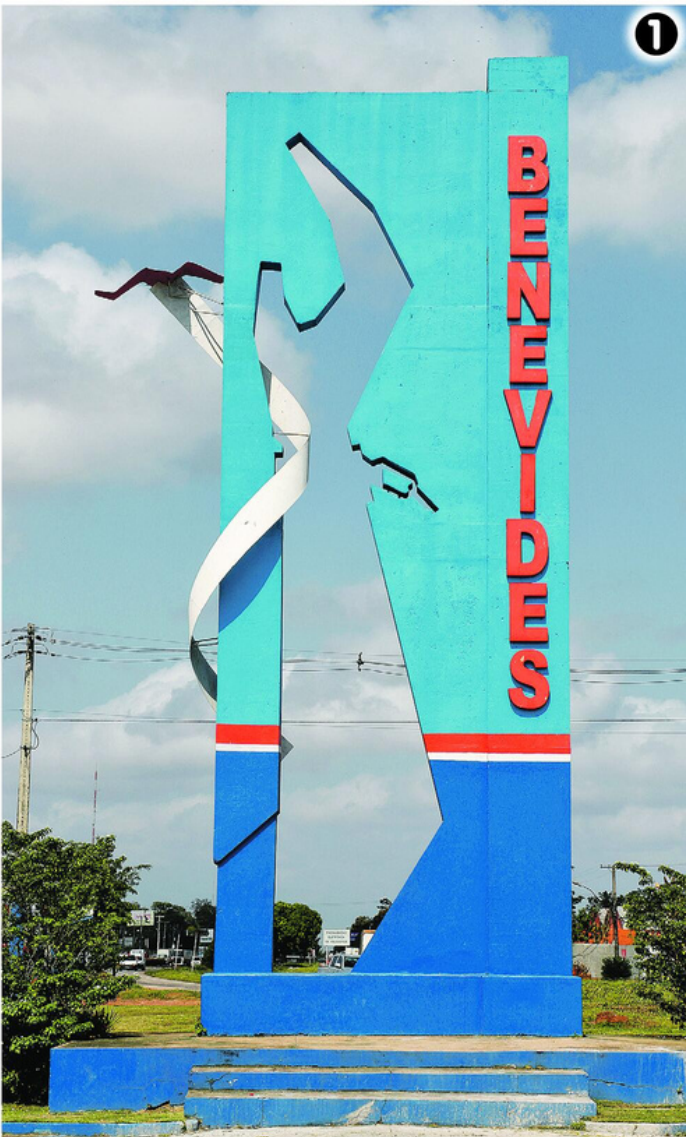
Para compreender o contexto que levou o hoje município a ter sido um dos primeiros do país a tornar livres os povos escravizados, é preciso entender as ocupações que se deram no território no início do surgimento de Benevides enquanto colônia agrícola. No final do século XIX e início do século XX, Benevides surge como uma das colônias agrícolas que se estendiam ao longo do percurso da antiga Estrada de Ferro de Bragança.

Inicialmente, a colônia de Benevides serviria para abrigar imigrantes estrangeiros, sobretudo franceses. Sem que os estrangeiros permanecessem no local por muito tempo, o esvaziamento da colônia despertou a preocupação das autoridades da então Província do Grão-Pará e, em culminância com uma grande seca que atingiu a Região Nordeste do país, o cenário possibilitou que a colônia de Benevides passasse a ser ocupada por migrantes cearenses. É neste momento que nasce o embrião de todo o cenário abolicionista que tomou conta de Benevides.

Autora de uma dissertação que relata a história da luta contra a escravidão em Benevides, a professora de história e doutoranda em História Social da Amazônia, Ana Carolina Trindade Cravo, explica que a então Província do Ceará foi uma das pioneiras no tratamento da liberdade escrava, tanto no que se refere ao seu discurso, quanto à atuação. Tanto é que está no Estado do Ceará a primeira cidade do país a libertar totalmente sua população escravizada, o hoje município de Redenção. Com a migração de cearenses para a colônia de Benevides, vieram junto os ideais abolicionistas que já avançavam no nordeste brasileiro.

“Mesmo após a migração para Benevides, os colonos ainda mantinham seus laços com a sua província natal, o Ceará. Então, se estabeleceu esse laço de comunicação constante entre Benevides e o Ceará”, conta Ana Carolina. “O que eu pude encontrar nas fontes, principalmente os jornais da época, é que eram constantes as viagens entre alguns membros de Benevides para o Ceará e vice-versa. Então essas pessoas que viviam ‘lá e cá’ foram importantes para trazer essa ideia de abolicionismo para dentro de Benevides”.

A historiadora contextualiza que tal visão de liberdade se dá justamente no fim do período do Império brasileiro. Neste momento, o movimento abolicionista se populariza e aí que Benevides entra. “Como os colo-



EM IMAGENS 1 Um dos monumentos que lembra a abolição da escravidura FOTO: WAGNER SANTANA 2 Ana Carolina FOTO: DIVULGAÇÃO



em comemoração à liberação na província do Ceará”.

Para que tudo isso fosse possível, a historiadora lembra que em Benevides se estabeleceu a Sociedade Libertadora de Benevides, um braço da Sociedade Libertadora do Ceará. Como alguns membros da diretoria da entidade em Benevides mantinham ligações com a entidade do Ceará, a conexão abolicionista entres as duas províncias se fortalece e uma vai abrindo caminho para outra até que alguns membros da Sociedade Libertadora de Benevides decidem libertar a região.

NOTÍCIAS

“Foi um evento muito noticiado na província em praticamente todos os jornais da cidade e inclusive os mais conservadores, como o jornal ‘Constituição’. Claro que os discursos dentro de cada jornal são diferentes, mas o discurso estava em todos os periódicos da época. Benevides vai se tornar a primeira da Região Amazônica a libertar os seus escravos”.

As documentações históricas da época apontam que, no momento do ato de liber-

tação, foram soltos os seis escravizados mantidos dentro do núcleo. O número é pequeno diante da quantidade de negros escravizados que ainda viviam na província do Grão-Pará, ainda assim, Ana Carolina aponta que o ato foi grandioso enquanto símbolo. “Benevides se torna um símbolo de liberdade dentro do território paraense e, estando muito próxima à capital, isso vai se transformar, aos poucos, em um incômodo às autoridades provinciais”, conta.

“No século XIX a maioria da população ainda era iletrada, mas como a notícia estava impressa nos periódicos, de certa forma é possibilitado o acesso por meio da leitura de outras pessoas, por exemplo. E essas mesmas informações vão chegar à população escravizada. Então, ela sabendo que tem um ponto de liberdade próximo à capital, ela foge. Primeiro ela é símbolo de liberdade, mas aos poucos, com cada vez mais fugas de escravos para a região, ela se torna um problema. Benevides se torna incômoda nesse sentido”.

Seja através do agenciamento de membros da Sociedade Libertadora de Benevides ou por conta própria, muitos negros escravizados fugiam em direção à colônia onde poderiam viver livremente. No local, eles tinham a possibilidade de trabalhar para os próprios colonos, recebendo por isso, e morando, em sua maioria, em casa própria no entorno da colônia.

“Eles tinham toda uma vivência, uma estrutura para poder ficar lá, recebiam pagamentos pelo trabalho, eram assinados contratos entre os membros da Sociedade Libertadora de Benevides e os colonos para que os ex-escravos pudessem trabalhar para os colonos”, explica.

Da luta empenhada pelos abolicionistas, Benevides guarda até hoje a herança de ter sido a ‘Terra da Liberdade’, título que lhe foi concedido oficialmente, pelo Governo do Estado, em 2012, através do mesmo projeto de lei que transformou a data comemorativa de 30 de março de 1884 em Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Pará. “É possível perceber que essa memória da libertação ainda é muito forte lá, o município tem muito orgulho desse título”.

MARCOS

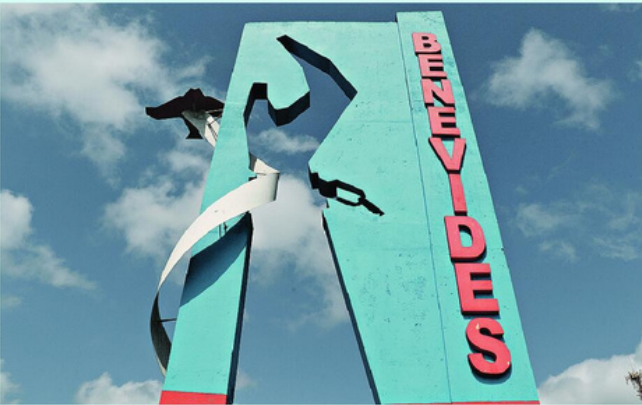
Além do casarão de Benfica, Benevides tem poucas casas que datam do final do século XIX e início do XX. Independente disso, são muitos os marcos espalhados pela cidade que rememoram o fato de Benevides ter sido pioneira, no Pará, na abolição da escravidura.



Estação de Trem: No centro histórico de Benevides é possível ver o prédio onde teria funcionado a Estação da Estrada de Ferro de Bragança, hoje bastante modificada. Era por meio da antiga estrada de ferro que muitos negros escravizados de outras cidades fugiam rumo a Benevides, onde a libertação dos escravizados havia ocorrido.



A Praça da Liberdade guarda um monumento em bronze que rememora a libertação: o busto de um homem negro com um par de algemas quebradas.



Na entrada de Benevides, um monumento também rememora o ato de libertação. Ele representa uma mão, através da qual passa o voo de um pássaro, simbolizando essa liberdade escrava da região.



Em frente à sede da Prefeitura Municipal, outro monumento identifica Benevides como o 'berço da liberdade'.

1888

É o ano em que a escravidão foi finalmente extinta em todo o Brasil, através da promulgação da Lei Áurea.

1884

Foi o ano da libertação dos escravos em Benevides, no Pará.

136 anos depois, memória da libertação permanece viva

A representatividade de se tornar o primeiro local do Estado a libertar sua população escravizada faz com que a memória do marco histórico permaneça entrelaçado à rotina da cidade de Benevides mesmo 136 anos depois. Se as pessoas que vivenciaram o ato de liberdade já não podem estar mais presentes para rememorá-lo, monumentos e algumas poucas construções do período resistem a contar parte da história (veja mais no box).

Em uma das esquinas da Praça Nossa Senhora da Conceição, no distrito de Benfica, em Benevides, o antigo casarão avistado ainda hoje foi testemunha do período em que a escravidura, infelizmente, ainda se fazia presente no local. A partir de meados de 1875, o prédio

centenário abrigou o Cartório de Notas e Registro Civil Travassos. Em meio às inúmeras documentações salvas guardadas pelo cartório, estava parte da história de pessoas que foram escravizadas.

O livro “Terra da Liberdade – Benevides: História e Colonização”, do historiador que, em vida, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), José Leônicio Ferreira de Siqueira, aponta que o cartório continha, em seu Livro Nº 1, registros dos primeiros negros escravizados no distrito e região. Na escritura reproduzida no livro, é possível conferir o que seria o registro de penhora de um negro escravizado identificado apenas como Justino.

O cartório funcionou no mesmo local até poucos anos atrás, quando, a partir de mudanças na concessão, foi transferido para outro distri-



Casarão foi testemunha do período. Ao lado, Aldenora Travassos FOTOS: WAGNER SANTANA



to. Hoje, o local permanece apenas como residência da família da última tabe- liã que atuou no mesmo en- quanto em funcionamento no casarão, Maria do Amaral Travassos, 90 anos.

“Muitas pessoas, pes- quisadores e historiado- res vêm visitar o casarão em busca dessa memória”,

conta a filha de Maria, Al- denora Travassos, 58. “O meu pai comprou o cartó- rio de um irmão há mais de 58 anos e, após o fale- cimento do meu pai, a mi- nha mãe assumiu o cartó- rio. O cartório funcionou aqui por muitos anos e re- almente guardava os regis- tros daquele período”.